



## Diplomacia e atuação intelectual: Alfonso Reyes e a embaixada mexicana no Brasil (1930-1936)

Natally Vieira Dias

Professora Assistente do Departamento de História da UEM  
Doutoranda em História pela UFMG  
[natyvdias@gmail.com](mailto:natyvdias@gmail.com)

**RESUMO:** O artigo analisa aspectos da atuação intelectual de Alfonso Reyes durante o período em que esteve à frente da embaixada mexicana no Rio de Janeiro, nos anos 30. Enfoca as estratégias de sociabilidade empreendidas pelo intelectual-diplomata tendo em vista a promoção de seu ideal americanista no Brasil e discute os aspectos de aproximação, mas também de tensão, que seu latino-americanismo comportava em relação às diretrizes oficiais mexicanas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Diplomacia, Sociabilidade intelectual, Latino-americanismo.

**ABSTRACT:** This article examines aspects of the intellectual action of Alfonso Reyes during the period in which he was ahead of the Mexican Embassy in Rio de Janeiro, in the 30s. It focuses on sociability strategies undertaken by the intellectual-diplomat for the promotion of his Americanist perspective in Brazil and it also discusses aspects of approximation as well as divergence that his Latin Americanism had regarding the Mexican official guidelines.

**KEYWORDS:** Diplomacy, Intellectual sociability, Latin Americanism.

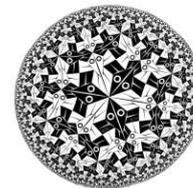
As queixas sobre a incomunicação da América podem encher livros. [...] E ainda que as coisas tenham melhorado um pouco, é justo declarar que o maior esforço se deve não aos chamados homens práticos, mas aos teóricos. [...] As escassas conquistas logradas na ordem política e na comercial não admitem sequer comparação com as conquistas – ainda que modestas – alcançadas na ordem teórica pelas classes intelectuais da América. O mútuo conhecimento entre nossos povos tem sido fomentado, sobretudo, pelos poetas, únicos capazes de expressar e conformar os fenômenos da sensibilidade nacional. [...] O já manifesto interesse de leitores e escritores, [...] esse sim penetra no mais profundo das consciências, esse sim cria verdadeiros laços inquebrantáveis.

(Alfonso Reyes, *El diálogo de América*, 1941).<sup>1</sup>

### Os intelectuais e o poder no México revolucionário<sup>2</sup>

<sup>1</sup> A tradução das citações é de inteira responsabilidade do autor.

<sup>2</sup> Utilizamos o termo “México revolucionário” para designar as três décadas que se seguiram à explosão revolucionária de 1910, período em que a história mexicana gravitou em torno da Revolução. Embora o termo Revolução Mexicana convencionalmente se refira à década de 1910, identificado ao período da guerra civil, as transformações gestadas pelo movimento revolucionário foram concretizadas nas décadas seguintes. Como afirma Arnaldo Córdova, foi na década de 30 que “a Revolução Mexicana alcançou a maioria”, quando, particularmente durante o governo de Lázaro Cárdenas (1934-40), ocorreu “a consolidação dos postulados básicos do movimento revolucionário” e “a conformação definitiva das instituições políticas através das quais se conduziu o desenvolvimento do país.” (CÓRDOVA, Arnaldo. *La revolución y el estado en México*. México: Era, 1989, p. 180).



A experiência revolucionária iniciada em 1910 no México marcou de forma decisiva as relações entre os intelectuais e o poder no país e, em grande medida, diferenciou a “lógica mexicana” daquela que prevaleceu no restante da América Latina.

De uma forma geral, durante a década de 20 a função moderna do intelectual se consolidou no cenário latino-americano ligada à intervenção pública dos “homens de letras” e relacionada à crítica e à busca de soluções em contraposição ao modelo oligárquico<sup>3</sup>. Na mesma época, no México, o desenvolvimento do processo revolucionário – já na fase de reconstrução nacional, posterior à luta armada – fez emergir um modelo bem distinto, o do intelectual vinculado ao poder.

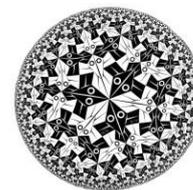
As vicissitudes da Revolução, a necessidade de se destruir a ditadura porfirista e, conseqüentemente, de forjar uma nova ordem política, social e cultural capaz de rearticular a nação fragmentada pela guerra civil, favoreceram a emergência de um discurso oficial integrador, tecido em torno de um nacionalismo de tipo cultural e popular<sup>4</sup>. Ao se consolidar como herdeiro dos postulados revolucionários e principal agente das transformações do país, o “Estado nacional revolucionário” mexicano atraiu para seu seio inúmeros intelectuais, principalmente aqueles que estiveram diretamente ligados à crítica ideológica ao porfirismo.

As competências técnicas, criativas e retóricas dos intelectuais foram elementos essenciais para a consolidação e legitimação da nova ordem política no México. Atuando como ministros, reitores universitários e diplomatas, entre outras funções essenciais para o exercício do poder, os intelectuais ligados ao Estado cumpriram um importante papel como “mediadores” da ideologia dominante. Como mostra Anick Lempérière em seu estudo sobre as relações entre intelectuais e Estado no México, a própria categoria de intelectual se firmou no país “através da justificativa da mediação”, sendo que, durante boa parte do século XX, uma das principais características da política mexicana foi justamente “a inabalável fidelidade dos intelectuais para com o regime político”<sup>5</sup>.

<sup>3</sup> FUNES, Patricia. *Salvar la nación. Intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometeo, 2006.

<sup>4</sup> O nacionalismo oficial que se impôs a partir da década de 1920 contou com forte apelo à figura do “povo mexicano”. Como mostra Ricardo Pérez Montfort, “a imensa carga popular trazida pelo processo revolucionário recolocou o papel que ‘o povo’ desempenharia nos projetos de nação [...]. O discurso político dos governos pós-revolucionários, e algumas ações concretas, identificaram ‘o povo’ como protagonista essencial da revolução e destinatário dos principais benefícios do movimento.” (PÉREZ MONTFORT, Ricardo. *Indigenismo, hispanismo y panamericanismo en la cultura popular mexicana de 1920 a 1940*. In: BLANCARTE, Roberto (comp.). *Cultura e identidad nacional*. México: FCE, 1994, p. 344).

<sup>5</sup> Cf. LEMPÉRIÈRE, Anick. *Intellectuels, Etat et Société au Mexique. Les clercs de la nation (1910-1968)*. Paris: L’Harmattan, 1992, p. 21-22.



Num trabalho recente a respeito da temática, o historiador mexicano Javier Garciadiego chama a atenção para o caráter específico, as “características únicas” das relações que se estabeleceram entre os intelectuais mexicanos e o Estado pós-revolucionário, em comparação, por exemplo, com o outro grande paradigma revolucionário da América Latina, que foi a Revolução Cubana na segunda metade do século XX. O autor aponta o fato de o Estado mexicano pós-revolucionário não ter assumido uma postura autoritária ou dogmática como um dos principais fatores que “facilitou o estabelecimento de relações fluidas e abertas com os intelectuais”, que se tornaram “ideólogos, funcionários e representantes diplomáticos, ou simplesmente beneficiários dos inúmeros projetos educativos e culturais estatais”<sup>6</sup>.

A trajetória de Alfonso Reyes reflete, em grande medida, as relações que descrevemos entre saber e poder no México revolucionário. A seguir, traçamos brevemente sua trajetória intelectual e, na sequência, tecemos algumas considerações sobre sua atuação como intelectual-diplomata. Apoiamo-nos nas proposições teóricas de François Sirinelli e de Edward W. Said<sup>7</sup> para analisar as estratégias de sociabilidade intelectual empreendidas por Reyes no período em que esteve à frente da embaixada mexicana no Rio de Janeiro e também para refletir sobre sua configuração enquanto intelectual.

### **Alfonso Reyes: trajetória intelectual e função diplomática**

Alfonso Reyes (1889-1959) foi advogado de formação, mas consagrou-se na realidade como escritor, poeta e ensaísta, além de diplomata, função que desempenhou por mais de duas décadas<sup>8</sup>. O escritor tornou-se estrela de primeira grandeza do cenário intelectual mexicano durante a primeira metade do século XX e, indiscutivelmente, deve ser enquadrado como parte da elite intelectual latino-americana, entendendo-se o termo no sentido usado por Carlos Altamirano, “não para sugerir uma orientação aristocratizante, mas para indicar um lugar [privilegiado] no diferenciado espaço da cultura”<sup>9</sup>.

A atuação intelectual de Alfonso Reyes remonta ao movimento de crítica à ditadura porfirista, representado pelo Ateneu da Juventude. Criado em 1909 como um espaço de

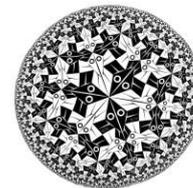
---

<sup>6</sup> Cf. GARCIADIEGO, Javier. Los intelectuales y la Revolución Mexicana. In: ALTAMIRANO, Carlos (ed.). *Historia de los intelectuales en América Latina II. Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX*. Buenos Aires: Katz, 2010. p. 36-7.

<sup>7</sup> Particularmente as proposições desenvolvidas em SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 231-269; SAID, Edward W. *Representações do intelectual*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

<sup>8</sup> Alfonso Reyes atuou como representante diplomático do México nos seguintes países: Espanha, entre 1920 e 1924; França, de 1925 a 1927; Argentina, de 1927 a 1930; e Brasil, entre 1930 e 1936.

<sup>9</sup> Cf. ALTAMIRANO, Carlos. Introducción general. In: ALTAMIRANO, Carlos (org.). *Historia de los intelectuales en América Latina I. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo*. Buenos Aires: Katz, 2008, p. 14.



sociabilidade intelectual que possibilitasse discussões e debates de temas filosóficos em uma condição de independência em relação ao regime, o Ateneu se destacou como celeiro de uma poderosa crítica filosófica aos pressupostos positivistas que conformavam a legitimação ideológica da ditadura.<sup>10</sup>

Ao racionalismo e cientificismo os ateneístas – Alfonso Reyes, os filósofos José Vasconcelos e Antonio Caso, entre outros – contrapuseram os valores humanistas, a sensibilidade e a retomada de elementos estéticos da Antiguidade clássica. Na esteira da crítica ao regime porfirista, elaboraram uma estética que ficou conhecida como “nacionalismo espiritual”, cujo objetivo era “reconstruir o espírito nacional em direção ao pensamento moderno”, não mais pela vertente materialista, mas, ao contrário, pela “tradição humanista” que, em sua concepção, os países latino-americanos teriam herdado da Europa<sup>11</sup>.

Mais do que simplesmente nacionalista, a estética cunhada pelo Ateneu se configurou como uma ideologia americanista e esteve marcada por forte influência arielista<sup>12</sup>. A ideia central que embasava toda essa formulação ideológica era a possibilidade de contrapor o avanço do materialismo – cuja maior expressão era identificada na potência continental – pela elevação dos valores do espírito – poesia, arte, criatividade –, tal como o mestre ensinava a seus discípulos no *Ariel*, de Rodó<sup>13</sup>.

A experiência ateneísta foi fundamental para a formação intelectual de Reyes. Pelo menos dois grandes traços característicos de sua atuação posterior podem ser identificados já nesse “período fundacional”: a crença numa perspectiva americanista de regeneração nacional e continental e o papel transformador atribuído à cultura e a seus agentes, os intelectuais. A noção de que a “inteligência americana” tinha um papel a cumprir no continente é fundamental para o entendimento da forma como Alfonso Reyes concebia sua atuação, inclusive como diplomata.

Reyes considerava como bastante acertada a opção de seu governo em utilizar os escritores no serviço diplomático. Segundo ele, não se tratava de uma questão de esnobismo, mas

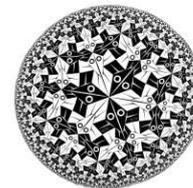
---

<sup>10</sup> Sobre a renovação cultural promovida pelo Ateneo nos marcos da ditadura porfirista, consultar MYERS, Jorge. Gênese "ateneísta" da história cultural latino-americana. (Tradução de Paulo Neves). *Tempo Soc.* vol.17, n.1, 2005, p. 23. Captado em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v17n1/v17n1a01.pdf>>. Acesso em: 25/04/2012.

<sup>11</sup> EDER, Rita. Muralismo mexicano: modernidad e identidad cultural. In: BELLUZZO, Ana Maria de Moraes (org.). *Modernidade: vanguardas artísticas na América Latina*. São Paulo: Memorial/UNESP, 1990, p. 108.

<sup>12</sup> Corrente de pensamento que sustenta a existência de uma oposição cultural entre América Latina e Estados Unidos, sendo a primeira considerada como herdeira dos “valores espirituais” da cultura greco-romana e o segundo identificado como grande representante do materialismo. A denominação “arielista” remete ao ensaio *Ariel*, publicado em 1900 pelo uruguaio José Enrique Rodó, no qual a mencionada oposição foi expressa a partir das figuras de Caliban e Ariel, personagens de *A Tempestade*, de Shakespeare.

<sup>13</sup> Cf. RODÓ, José Enrique. *Ariel*. Campinas: UNICAMP, 1991.



de uma compreensão, da qual partilhava, de que os “técnicos da expressão” são os “mais adequados para ‘expressar’ a vontade do país ante o estrangeiro e mais *armados* para explicar as coisas da pátria”<sup>14</sup>.

. O uso da metáfora bélica não era fortuito. O escritor-diplomata concebia a atuação intelectual (incluindo a diplomacia) como parte de uma guerra travada em torno da enunciação do mundo social, sendo a escrita uma das mais poderosas armas políticas; a “pluma” tomada como “espada”, conforme sintetizou<sup>15</sup>.

No caso específico do papel de embaixador, a batalha na qual se empenhou consistia em firmar seu país internacionalmente, tarefa a qual se dedicou com afinco. Na realidade, a designação de Reyes como embaixador mexicano na América do Sul, primeiro na Argentina (1927-1930) e em seguida no Brasil (1930-1936), se inscrevia no âmbito de uma ampla estratégia propagandística do México revolucionário no continente.

Durante as décadas de 20 e 30 os sucessivos governos mexicanos, auto-identificados como herdeiros da Revolução de 1910, empreenderam um enorme esforço no sentido de projetar o México revolucionário no continente. A estratégia oficial mexicana incluiu o estreitamento de laços diplomáticos e culturais com os países latino-americanos como uma espécie de “retaguarda internacional” da Revolução, frente à ameaça estadunidense.<sup>16</sup>

Na busca por projetar política e culturalmente o país e sua revolução no âmbito continental, ninguém melhor do que uma figura da proeminência de Dom Alfonso – como era chamado – para personificar o México revolucionário na América do Sul. E o ilustre escritor-diplomata tinha plena consciência dessa tarefa.

---

<sup>14</sup> Cf. REYES, Alfonso. El servicio diplomático mexicano (1933). In: *Misión Diplomática*. Vol. I (Compilação e prólogo de [Víctor Díaz Arciniega](#)). México: FCE, 2001, p. 143. (Grifo nosso).

<sup>15</sup> Cf. REYES, Alfonso. Nuevo discurso sobre las armas y las letras. Citado por GONZÁLEZ TREVIÑO, José Antonio. *Monterrey*. Acuse de recibo. In: PACHECO, José Emilio et alli. *Monterrey, Correo Literario de Alfonso Reyes*. México: UANL/CONACULTA, 2008, p. 14.

<sup>16</sup> Uma das facetas da Revolução Mexicana foi o antiimperialismo, particularmente voltado contra a ingerência dos Estados Unidos no México. Durante o processo revolucionário a ameaça da potência continental havia se materializado na invasão do porto mexicano de Vera Cruz por marines estadunidenses, em 1914, com o objetivo de por fim à guerra civil e garantir as propriedades norte-americanas no país vizinho. Para evitar uma guerra entre os dois países do norte, os governos de Argentina, Brasil e Chile propuseram uma mediação diplomática, que ficou conhecida como ABC, em referência às iniciais dos três países sul-americanos. Sobre a estratégia propagandista do México revolucionário no continente, consultar YANKELEVICH, Pablo. *Miradas australes. Propaganda, cabildeo y proyección de la Revolución Mexicana en el Río de la Plata, 1910-1930*. México: Instituto Nacional de Estudios de la Revolución Mexicana, Secretaría de Relaciones Exteriores, 1997.



Em seus escritos sobre o papel da diplomacia na reconstrução nacional mexicana Reyes apoiou a estratégia de seu governo em usar as embaixadas como espaços privilegiados daquilo que chamou de “propaganda cultural e espiritual”, ou seja, a divulgação das transformações decorrentes da revolução no México e a difusão da cultura mexicana. Em um texto intitulado *El servicio diplomático mexicano*, dirigido ao secretário de relações exteriores do México em 1933, durante sua embaixada no Brasil, apresentou sua percepção otimista a respeito, afirmando que a embaixada mexicana já se tornava “uma casa dos intelectuais e um centro de simpatia das juventudes universitárias” em vários países, possivelmente referindo-se ao Brasil e também à Argentina, onde tinha atuado como embaixador anteriormente<sup>17</sup>. De fato, o longo período da embaixada de Alfonso Reyes no Rio de Janeiro representou o ápice de sua carreira diplomática e também o apogeu da estratégia de projeção do México revolucionário no Brasil.

### **Reyes no Rio: embaixada e sociabilidade intelectual**

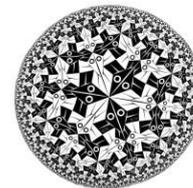
Desde que chegou ao Rio Reyes desenvolveu um esforço não apenas no sentido de firmar a presença mexicana no cenário brasileiro, mas igualmente de construir canais de sociabilidade intelectual que tornassem possível a aproximação cultural da “inteligência americana”. Com esse duplo intuito o embaixador mexicano lançou mão de diversas estratégias, que incluíram o uso do próprio espaço da casa em que vivia no Rio, onde “Dom Alfonso, conhecedor de vinhos e cozinhas, poderia receber seus muitos convidados, [...] diplomatas, artistas e escritores”<sup>18</sup>; a troca de correspondências com intelectuais brasileiros, entre os quais se destacam Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Ronald de Carvalho e Ribeiro Couto; e a edição de uma revista, intitulada *Monterrey, Correo Literario*, que cumpriu um importante papel de divulgação literária e cultural do México e da América Hispânica em geral no cenário brasileiro.<sup>19</sup>

Lançando mão desses dispositivos, o ilustre mexicano procurou construir em torno de si uma espécie de “rede intelectual” – composta, além de escritores, por artistas (como Portinari e Di Cavalcanti, entre outros) e inclusive universitários ligados ao movimento estudantil – tecida com base em um objetivo e uma sensibilidade compartilhados: a aproximação cultural entre os países latino-americanos e a esperança depositada na cultura como elemento de transformação social e política do continente. Nesse sentido, a atuação de Alfonso Reyes no meio intelectual brasileiro, particularmente carioca, exemplifica muito bem o “papel decisivo” que “a atração e a

<sup>17</sup> Cf. REYES, Alfonso. *El servicio diplomático mexicano* (1933). In: *Misión Diplomática*. Vol. I (Compilação e prólogo de [Víctor Díaz Arciniega](#)). México: FCE, 2001, p. 143.

<sup>18</sup> Cf. ELLISON, Fred P. *Alfonso Reyes e o Brasil. Um mexicano entre os cariocas*. Rio de Janeiro: Consulado General de México/Topbooks, 2002, p. 40.

<sup>19</sup> A revista será abordada mais à frente.



amizade” podem desempenhar na constituição de “redes” de sociabilidade intelectual, conforme assinala François Sirinelli<sup>20</sup>.

Em parte, o esforço empreendido por Reyes refletia um imperativo de sua função como embaixador, “a captação de boas vontades, essencial na função diplomática”, como considerava<sup>21</sup>. No desempenho desse papel o embaixador-escritor deveria ser a própria “personificação” do México revolucionário no Brasil, cumprindo o objetivo central de seu governo, que era firmar a presença internacional do país, principalmente no âmbito cultural, com destaque para os avanços na educação e o caráter popular e integrador das artes plásticas, principalmente do muralismo.<sup>22</sup>

Assim, sob os auspícios da embaixada, o pintor David Alfaro Siqueiros, um dos maiores expoentes da “pintura revolucionária” mexicana, visitou o Brasil em 1934, quando proferiu conferências para artistas e intelectuais em São Paulo e no Rio de Janeiro<sup>23</sup>. Apesar de o artista mexicano ter focado o tema da “técnica”, sendo “Revolução técnica da pintura” o título de sua conferência no Rio, é possível que, mais do que propriamente esse aspecto, a grande influência da arte muralista mexicana sobre os brasileiros tenha sido a “substância social”, como afirmou Di Cavalcanti em suas memórias<sup>24</sup>.

Além das artes plásticas, a educação foi outro grande foco das transformações experimentadas pelo México revolucionário a ganhar repercussão no Brasil. Também nesse âmbito o intelectual-diplomata Alfonso Reyes teve participação significativa.

Logo que chegou ao Brasil, em 1930, o embaixador mexicano se aproximou de pessoas ligadas ao movimento por reformas educacionais, como a poetisa Cecília Meireles e alguns líderes estudantis universitários, como Oscar Tenório e Carlos Lacerda. O primeiro estava ligado à

---

<sup>20</sup> Cf. SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 250.

<sup>21</sup> Cf. REYES, Alfonso. El servicio diplomático mexicano. In: *Misión Diplomática*. Vol. I (Compilação e prólogo de [Victor Díaz Arciniega](#)). México: FCE, 2001, p. 161.

<sup>22</sup> A respeito do papel que as artes plásticas, particularmente o muralismo, cumpriram na consolidação do nacionalismo mexicano pós-revolucionário, ver AZUELA DE LA CUEVA, Alicia. Vanguardismo pictórico y vanguardia política en la construcción del Estado nacional revolucionario mexicano. In: ALTAMIRANO, Carlos (ed.). *Historia de los intelectuales en América Latina II. Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX*. Buenos Aires: Katz, 2010, p. 469-489.

<sup>23</sup> Sobre a passagem de Siqueiros pela América do Sul e suas conferências no Brasil, consultar BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. A experiência brasileira e sul-americana de David Alfaro Siqueiros. In: BEIRED, José Luis Bendicho; CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Ligia Coelho. (Org.). *Intercâmbios Políticos e Mediações Culturais nas Américas*. Assis: UNESP Publicações/Leha-FFLCH-USP, 2011. p. 273-286.

<sup>24</sup> Cf. DI CAVALCANTI, Emiliano. *Reminiscências líricas de um perfeito carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964, Citado por ELLISON, Fred P. *Alfonso Reyes e o Brasil. Um mexicano entre os cariocas*. Rio de Janeiro: Consulado General de México/Topbooks, 2002, p. 65.



revista *Folha Acadêmica*, que possuía uma marcada perspectiva latino-americanista e antiimperialista, e havia publicado, em 1928, uma obra elogiosa da Revolução Mexicana, intitulada *México revolucionário. Pequenos comentários sobre a Revolução Mexicana e suas consequências*<sup>25</sup>. Já Carlos Lacerda, então estudante de jornalismo, assessorava Cecília Meireles em sua plataforma de militância pela educação nacional, a Página de Educação, publicada no *Diário de Notícias*. Lacerda, além disso, estava envolvido na organização da Casa do Estudante Brasileiro (precursora da UNE), fundada em 1929, e tornou-se o primeiro diretor do periódico da instituição, intitulado *Rumo: revista de cultura*.

Como fruto da aproximação entre Reyes e Lacerda, o mexicano foi tema de uma matéria do número inicial da revista *Rumo*, datado de 1933. Intitulada “Alfonso Reyes: universidade, poesia”, a matéria apresentava elogios à obra poética do ilustre mexicano, entretanto, o tema central girava em torno de suas concepções acerca do papel social da universidade. A posição de Reyes a respeito tinha sido recentemente apresentada no ensaio “Voto por la universidad del norte”, escrito com o objetivo de apoiar a fundação pelo governo mexicano de uma universidade em Monterrey, sua cidade natal<sup>26</sup>. Um longo trecho do ensaio de Reyes foi reproduzido, em Espanhol, pelo autor da matéria de *Rumo* (possivelmente o próprio Lacerda), quem destacou que as opiniões do mexicano vinham “cair completamente dentro do Brasil”.

O fragmento reproduzido no periódico estudantil brasileiro contemplava os principais argumentos do mexicano sobre a importância da universidade para a difusão cultural e, sobretudo, a necessidade de que a instituição ampliasse seu papel na sociedade. Nas palavras de Reyes, reproduzidas na revista *Rumo*:

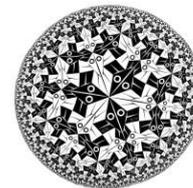
Precisamos completar o quadro de urgências atuais, dando lugar na nova Universidade a uma forma de cultura política. [...] Advogar, hoje em dia, por uma cultura política [...] [é] querer abarcar a todos na obrigação e no desfrutar da coisa pública – privilégio, até ontem, de grupos limitados – [...] Os espíritos conservadores devem se convencer de que não têm outra saída a não ser ir cedendo às novidades trazidas pelo tempo. A cultura quer iluminar a *todos os homens* por igual –, e esse *todos os homens* traz em si um postulado político. Ouçam os que sabem ouvir [...]: a cultura deve ser popular.<sup>27</sup>

O ensaio de Reyes destacava a necessidade de popularização da cultura para que “iluminasse a todos”, num momento em que seu país era a grande referência continental no

<sup>25</sup> Cf. TENÓRIO, Oscar. *México revolucionário. Pequenos comentários sobre a Revolução Mexicana e suas consequências*. Rio de Janeiro: Folha Acadêmica, 1928.

<sup>26</sup> Cf. REYES, Alfonso. Voto por la universidad del norte. *Obras Completas de Alfonso Reyes*. Tomo VIII. México: FCE, 1959, p. 450-460.

<sup>27</sup> Alfonso Reyes: universidade, poesia. *Rumo. Revista de Cultura*. Rio de Janeiro, n. 1, p. 10, mai. 1933.



âmbito das reformas educacionais popularizadoras. Além disso, vinculava a popularização da cultura à existência de uma “nova universidade”, remetendo à democratização da instituição decorrente da Reforma Universitária, movimento que envolveu inúmeros protestos estudantis em diversos países latino-americanos nos anos 20.<sup>28</sup>

Essas ideias foram difundidas aos estudantes brasileiros, através da revista *Rumo*, justamente no momento em que o tema da educação encontrava-se no centro dos debates político-culturais no Brasil, quando a instituição universitária brasileira passava por um período de grandes reformulações, após a ascensão de Getúlio Vargas ao poder. Nesse contexto, sendo selecionadas e veiculadas por meio de um órgão ligado ao movimento estudantil, as palavras de Reyes podiam ganhar o sentido de uma proposta mobilizadora para os universitários brasileiros.

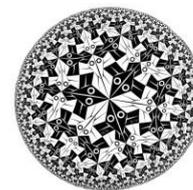
No início dos anos 30, além dos próprios estudantes universitários, um importante grupo de intelectuais brasileiros estava reunido em torno de um projeto mais amplo de reforma educacional para o país, dentro do movimento pela “escola nova”, sendo um dos nomes mais representativos desse movimento, sem dúvida, o de Cecília Meireles. Em sua Página de Educação, publicada entre 1930 e 1933, em várias ocasiões Meireles fez referência a Alfonso Reyes como um importante orientador para a juventude brasileira e inclusive utilizou o espaço de sua Página para dar maior visibilidade à atuação do intelectual-diplomata mexicano, reproduzindo e comentando discursos proferidos por Reyes no Rio de Janeiro.<sup>29</sup>

Para Cecília Meireles, Alfonso Reyes era o “grande espírito moderno” que personificava o México entre os brasileiros, num momento em que as transformações sociais experimentadas pelo país revolucionário se revestiam de maior relevância no contexto continental, devido à crise do paradigma liberal europeu, sobretudo após a crise de 29. Em suas palavras, numa carta enviada a Reyes em 1932: “creio que o México pode ser um foco de projeção de muitas ansiedades modernas sobre a América Latina, e com um prestígio que a Europa e os Estados Unidos talvez não consigam ter nesse momento.” A poetisa destacou que essa percepção não era apenas sua, mas também dos “moços da minha terra”, referindo-se aos jovens estudantes, o que

---

<sup>28</sup> Sobre a Reforma Universitária na América Latina, consultar PORTANTIERO, Juan Carlos. *Estudiantes y política en América Latina, 1918-1938*. México: Siglo XXI, 1978.

<sup>29</sup> Em sua “Página de Educação” Cecília Meireles reproduziu, por exemplo, parte do discurso “En el día americano”, proferido por Alfonso Reyes a estudantes universitários brasileiros. Na mesma Página, na coluna “Comentário”, elogiou a atuação do mexicano na promoção do conhecimento mútuo entre os intelectuais do continente. (*Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 14 de ago. 1932. Comentário. Página de Educação, p. 6).



considerou “uma recompensa para esse trabalho de renovação educacional” que ela própria buscava e procurava “orientar para além das fronteiras [nacionais]”.<sup>30</sup>

Romper com “as fronteiras nacionais” para alcançar o conhecimento, o diálogo, a busca recíproca de referências entre os latino-americanos: eis o grande desígnio que animava o labor intelectual de Alfonso Reyes. Muito mais do que o encargo diplomático que lhe cabia representar, a atuação do mexicano no Brasil reflete claramente uma “missão intelectual” auto-atribuída. Como muito bem sintetiza Jorge Myers em um artigo sobre o “intelectual-diplomata”, “Reyes foi um funcionário fiel da diplomacia mexicana; mas esta, até certo ponto, também esteve a serviço de ambições literárias e culturais que excediam o marco estrito de sua profissão”<sup>31</sup>.

### **Sobre o intelectual Alfonso Reyes: algumas considerações**

Na visão de Reyes a grande missão dos intelectuais latino-americanos era “criar vasos comunicantes” entre os “homens de pensamento” do continente. A tarefa pode parecer difícil, principalmente se levamos em conta o quadro ainda atual de relativo desconhecimento e desinteresse cultural entre os países do continente. Mas a perspectiva de Reyes sustentava boa dose de otimismo. A seus olhos, o intercâmbio cultural latino-americano era tão urgente quanto possível; bastava um pouco de criatividade para se desenvolver poderosos canais de comunicação, muitos dos quais ele próprio empreendeu. Em suas palavras – proferidas no famoso discurso *En el día americano*, dirigido originalmente aos estudantes brasileiros, em 1932 – a receita parecia simples:

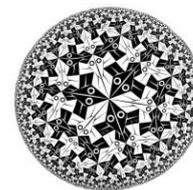
Relacionai-vos, pois, homens de pensamento uns com os outros. Sede engenhosos e incansáveis; desenvolví meios para criar os vasos comunicantes: trabalho de imprensa, correspondência, obrigação de trocar livros através de certos organismos adequados, exposições de arte, concertos, viagens de professores e de estudantes, congressos de escritores, sistemas paralelos de pesquisa, sei lá!<sup>32</sup>

Para Alfonso Reyes, como se percebe, a aproximação continental tinha uma conotação cultural. Não se tratava de uma operação eminentemente econômica ou política, nem se baseava em imperativos como o do progresso material, ao contrário, era uma tarefa “do espírito”, obra dos intelectuais.

<sup>30</sup> Carta de Cecília Meireles a Alfonso Reyes, datada de 05/05/1932. Citada por ROBB, James Willis. Alfonso Reyes y Cecília Merireles: una amistad mexicano-brasileña. In: *Revista de Cultura Brasileña*. Embaixada Brasileira em Madri, Nº 52, novembro de 1981, p. 123.

<sup>31</sup> Cf. MYERS, Jorge. El intelectual-diplomático: Alfonso Reyes, sustantivo. In: ALTAMIRANO, Carlos (ed.). *Historia de los intelectuales na América Latina II. Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX*. Buenos Aires: Katz, 2010, p. 90.

<sup>32</sup> Cf. REYES, Alfonso. En el Día Americano. In: *Última Tule*. México: Imprenta Universitaria, 1942, p. 110.



Tal percepção se relaciona claramente com a visão mais geral que perpassava o pensamento de Reyes, uma crença humanista de que os valores do “espírito”, como a estética e a sensibilidade, se imporiam sobre o materialismo e o cientificismo, dando origem a uma “modernidade regenerada”, que seria o grande e nobre futuro da América Latina. Conforme declarou em um de seus textos mais conhecidos, *Discurso por Virgílio*, datado de 1931: “O crisol da história prepara para a América uma herança incalculável. [...] O que há de sair não será oriental nem ocidental, mas algo ampla e totalmente humano”<sup>33</sup>. Essa utopia americanista – compartilhada por outros grandes nomes da intelectualidade latino-americana cujas trajetórias intelectuais também remontam ao Ateneu da Juventude, como José Vasconcelos e Pedro Henríquez Ureña, por exemplo – era o que animava a atuação intelectual de Alfonso Reyes, conferindo um sentido mais amplo que articulava seus escritos e sua ação.

Nesse sentido, as reflexões de Edward W. Said sobre o intelectual como “figura representativa” ajudam a compreender a atuação de Reyes. A definição do intelectual como “um indivíduo dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem”, de uma figura “porta-voz ou símbolo de uma causa, movimento ou posição”<sup>34</sup>, expressam muito bem o papel desempenhado por Alfonso Reyes enquanto figura representativa do ideal latino-americano.

Muito embora o ilustre escritor mexicano estivesse longe do lugar marginal (o protótipo do exílio) que Said utiliza para marcar o espaço que o intelectual deve ocupar na sociedade, o mesmo não se pode dizer, no contexto brasileiro, da causa que ele representava. Assim, para promover o ideal americanista no Brasil, Alfonso Reyes lançou mão inclusive de seu próprio prestígio como escritor consagrado, o que lhe permitiu “ganhar amigos” – fórmula utilizada por ele<sup>35</sup> – para a grande causa que defendia: o conhecimento mútuo e a aproximação cultural entre os intelectuais do continente.

Para a promoção dessa causa, uma das principais estratégias utilizadas por Reyes enquanto esteve à frente da embaixada mexicana no Rio foi a publicação de uma revista.

---

<sup>33</sup> Cf. REYES, Alfonso. Discurso por Virgílio. In: *Universidad, política y pueblo*. (Nota preliminar, seleção e notas de José Emilio Pacheco). México: UNAM, 1967, p. 59.

<sup>34</sup> SAID, Edward W. *Representações do intelectual*. São Paulo: Cia das Letras, 2005, p. 25 e 27.

<sup>35</sup> “Ganhar amigos” remonta à obra de Juan Ruiz de Alarcón, dramaturgo mexicano do século XVII. Reyes retomou a expressão em seu ensaio *El servicio diplomático mexicano*, de 1933, utilizando-a para definir o que seria a função essencial da diplomacia, “a captação de boas vontades” em relação ao país. O embaixador-diplomata também utilizava “ganhar amigos” para se referir a sua própria atuação, a partir da embaixada mexicana, nos meios intelectuais dos países onde representava o México.



Intitulada *Monterrey, Correo Literario*, contou com 14 números, que circularam entre 1930 e 1937 sendo distribuídos a partir da embaixada mexicana no Brasil<sup>36</sup>.

Certamente o apoio oficial mexicano à publicação de Reyes tinha relação com o fato de seu projeto se aproximar da proposta governamental de divulgação da cultura mexicana no continente. Entretanto, tratava-se de um empreendimento editorial de forte traço pessoal, sendo que Alfonso Reyes foi o diretor e único editor da revista, cujo título remetia a sua cidade natal. A própria circulação de *Monterrey* é bastante ilustrativa dessa característica.

Embora a distribuição da revista também passasse por canais oficiais, como as embaixadas mexicanas em outros países da América Latina, sua circulação esteve bastante vinculada às redes de sociabilidade nas quais o próprio Reyes estava envolvido. Ele mesmo enviava sua revista aos “amigos” que tinha “ganhado” na Argentina, no período em que esteve ali como embaixador; fazia-a circular entre os brasileiros, excedendo inclusive as fronteiras do Brasil, como no caso do envio dos números de *Monterrey* por Manuel Bandeira a Ribeiro Couto, que servia à diplomacia brasileira na França no período<sup>37</sup>.

Entre os principais temas abordados pela revista destacam-se discussões sobre a questão de uma expressão cultural própria e o sentido do latino-americanismo. O fato de a revista ter sido publicada no Brasil, mas sempre em Espanhol, demonstra a motivação de interlocução continental. Nesse sentido, o pouco que aparece em Português em *Monterrey* também é muito revelador. Tratam-se de fragmentos de correspondências de “amigos” brasileiros a Dom Alfonso, publicados na seção “Epistolário” da revista. Relacionados à temática americanista, esses fragmentos parecem dotados do intuito de divulgar os êxitos alcançados dentro do grande objetivo de Reyes, de “ganhar amigos” para a sua causa continental. Dois fragmentos em especial se destacam em relação ao tema.

O n° 8 de *Monterrey*, publicado em 1932, reproduz parte de uma carta assinada por Pedro Dantas (pseudônimo de Prudente de Moraes Neto) a Alfonso Reyes. Embora tenha publicado o fragmento em Português, Reyes o submeteu a um título em Espanhol, “La inconexión de América”. Na carta, o brasileiro fazia uma crítica ao fato de que a literatura hispano-americana só chegava ao Brasil após despertar interesse na Europa, o que, em sua visão, tinha relação direta

---

<sup>36</sup> Cf. GONZÁLEZ PARÁS, José Natividad. Un balcón para la multiplicidad cultural. In: PACHECO, José Emilio et alli. *Monterrey, Correo Literario de Alfonso Reyes*. México: UANL/CONACULTA, 2008, p. 8.

<sup>37</sup> Cf. ELLISON, Fred P. *Alfonso Reyes e o Brasil. Um mexicano entre os cariocas*. Rio de Janeiro: Consulado General de México/Topbooks, 2002, p. 94.



com a falta de uma verdadeira expressão americana, já que os latino-americanos continuavam com os olhos postos na Europa. Nas palavras do brasileiro:

A maior parte dos que entre nós se dedicam a questões intelectuais ou artísticas comportam-se diante da América como simples viajantes. Daí a criação de uma arte e de uma literatura exóticas, embora nascidas aqui, o que vem a agravar singularmente o mal-entendido que o senhor tão lucidamente denunciou, pelo qual o europeu só nos pede o exotismo [...]. O que desejamos é a consistência [...] de um espírito crítico à altura dos melhores da Europa – o que constituiria uma reminiscência da cultura clássica acentuando-a ao lado latino de nossa civilização – e de uma extrema sensibilidade poética, em cuja origem se visse um reflexo do espanto que ainda nos causa a nossa própria terra [...].<sup>38</sup>

Nada poderia estar mais afinado à filosofia americanista de Reyes, que buscava conjugar a novidade de uma “expressão americana”, com a herança da Antiguidade latina. Endossando a mesma ideia, aparece, na mesma página, ao lado do fragmento da carta de Pedro Dantas, um trecho de uma carta que Reyes havia recebido de Ribeiro Couto, que afirmava o seguinte:

O verdadeiro americanismo repele a ideia de um indianismo, de um purismo étnico local, de um primitivismo, mas chama a contribuição das raças primitivas ao homem ibérico. [...] É da fusão do homem ibérico com a nova terra e as raças primitivas que deve sair o “sentido americano” [latino], a raça nova produto de uma nova cultura e de uma intuição virgem [...].<sup>39</sup>

As palavras de Ribeiro Couto exprimem com exatidão a ideia americanista sustentada por Alfonso Reyes. Embora aponte para a mistura, na realidade o “sentido americano” pensado pelo intelectual-diplomata mexicano – bem como pelos demais ateneístas, herdeiros da matriz arielista –, envolvia a primazia da cultura europeia, “latina”, “derivada e matizada pelo espanhol até onde queira a história”, conforme assinalou Reyes<sup>40</sup>.

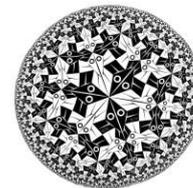
No âmbito do debate em torno da questão identitária que marcou o México revolucionário, a posição latino-americanista de Reyes se contrapunha à ideologia oficial mexicana, cuja marca era uma forte retórica indigenista<sup>41</sup>. Nesse quadro, a veiculação do ideal

<sup>38</sup> Monterrey, nº 8, março de 1932, Seção “Epistolario” Citado por ELLISON, Fred P. *Alfonso Reyes e o Brasil. Um mexicano entre os cariocas*. Rio de Janeiro: Consulado General de México/Topbooks, 2002, p. 3.

<sup>39</sup> Monterrey, nº 8, março de 1932, Seção “Epistolario” Citado por ELLISON, Fred P. *Alfonso Reyes e o Brasil. Um mexicano entre os cariocas*. Rio de Janeiro: Consulado General de México/Topbooks, 2002, p. 93 e 95.

<sup>40</sup> Cf. REYES, Alfonso. Discurso por Virgilio. In: *Universidad, política y pueblo*. (Nota preliminar, seleção e notas de José Emilio Pacheco). México: UNAM, 1967, p. 44.

<sup>41</sup> Entre as décadas de 1920 e 1940 houve um forte debate a respeito do tema da identidade nacional mexicana. Embora, de maneira geral, tenha se firmado um nacionalismo de corte popular, havia uma grande discussão em torno do sentido da “mexicanidade”. A posição oficial se identificou à vertente indigenista, que defendia que “para encontrar o sentido da ‘mexicanidade’ o ‘povo mexicano’ deveria se reconhecer em suas tradições ancestrais”. Essa perspectiva era contraposta tanto pela vertente hispanista – identificada a um discurso mais conservador que defendia a religião católica como fator essencial da identidade mexicana, herdada da colonização espanhola – quanto pela latino-americanista, que rebatia o nacionalismo oficial que considerava excessivo e reivindicava um protagonismo cultural para a América Latina. Como bem observa Pérez Montfort, o latino-americanismo “não se



latino-americanista de Reyes entre a intelectualidade latino-americana, através da revista *Monterrey*, permite identificar uma relativa autonomia de sua atuação intelectual, apesar do posto oficial que ocupava.

Se, por um lado, como já apontamos, a trajetória de Alfonso Reyes se inscreve no modelo geral de alinhamento dos intelectuais com o poder no México, por outro lado, a análise de sua atuação intelectual também nos permite vislumbrar alguns caminhos traçados no sentido de uma autonomia relativa que lhe possibilitou exceder a função oficial que exercia para divulgar o ideal americanista que defendia, o qual não se apresentava exatamente nos termos propostos pelo governo mexicano.

Ademais de um espaço privilegiado de divulgação da cultura mexicana e das conquistas sociais da revolução, as embaixadas encabeçadas por Alfonso Reyes cumpriram um papel fundamental para fomentar as relações intelectuais no continente para fora das fronteiras nacionais. Como conclui Jorge Myers em seu estudo sobre a atuação do intelectual-diplomata, Reyes contribuiu decisivamente para a consolidação de uma “comunidade intelectual latino-americana” ao “se dedicar sistematicamente à tarefa de reunir pessoas fisicamente em suas sucessivas embaixadas, de estabelecer vínculos epistolares com uma amplíssima rede de escritores, de conseguir, fazendo-se de intermediário, que autores afins se pusessem em contato [...]”<sup>42</sup>.

No que diz respeito ao Brasil, entendemos que, para além da significativa projeção cultural alcançada pelo México revolucionário nos anos 30, o aprofundamento de um sentido latino-americanista entre parte da intelectualidade brasileira – cujo histórico em termos de intercâmbio cultural com a América Hispânica não era nada animador – pode ser visto como uma vitória, ao menos relativa, de toda uma atuação intelectual empreendida por Alfonso Reyes; uma “luta”, para empregar o vocabulário bélico que ele mesmo utilizou, orientada pela convicção de que era preciso e possível construir canais de diálogo cultural entre os latino-americanos, incluindo os brasileiros.

Recebido em: 05/05/2012.

Aprovado em: 10/08/2012.

---

preocupava muito com o passado. [...] A ênfase de seus argumentos estava, sobretudo, nos seus projetos e sua confiança no futuro.” (PÉREZ MONTFORT, Ricardo. Indigenismo, hispanismo y panamericanismo en la cultura popular mexicana de 1920 a 1940. In: BLANCARTE, Roberto (comp.). *Cultura e identidad nacional*. México: FCE, 1994, p. 350-51).

<sup>42</sup> Cf. MYERS, Jorge. El intelectual-diplomático: Alfonso Reyes, sustantivo. In: ALTAMIRANO, Carlos (ed.). *Historia de los intelectuales na América Latina II. Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX*. Buenos Aires: Katz, 2010, p. 95.